

## **OBSERVAÇÃO ETNOGRÁFICA: APONTAMENTOS GERAIS SOBRE CULTOS RELIGIOSOS EM IGREJAS NEOPENTECOSTAIS DE UM BAIRRO DE PERIFERIA**

THIAGO SCHELLIN DE MATTOS<sup>1</sup>; ADRIANE LUISA RODOLPHO<sup>2</sup>

<sup>1</sup> Universidade Federal de Pelotas, Curso de Antropologia – [tsdemattos@gmail.com](mailto:tsdemattos@gmail.com)

<sup>2</sup> Universidade Federal de Pelotas, Departamento de Antropologia e Arqueologia – [adrirodolpho@cpovo.net](mailto:adrirodolpho@cpovo.net)

### **1. INTRODUÇÃO**

Este trabalho originalmente foi concebido como parte integrante das atividades avaliativas do curso de Antropologia da Universidade Federal de Pelotas no primeiro semestre de 2014, referente à disciplina de Introdução à Antropologia. Trata-se de um estudo de observação etnográfica realizado com o propósito de iniciação, por parte do aluno, ao método etnográfico conforme precedência em MALINOWSKI (In DURHAN, 1986) e à experiência do exercício do olhar antropológico sobre o campo de pesquisa, de acordo com DA MATTA (1987) que apresenta o conceito de “familiaridade e exotismo”, bem como VELHO (2008), que problematiza um pouco essas duas dimensões de distanciamento cultural.

Para tanto, foi escolhido como campo de observação o contexto da religiosidade urbana na periferia em suas manifestações pontuais. Como recorte analítico foram observados cultos cristãos em igrejas evangélicas de vertente pentecostal, comumente denominadas de neopentecostais no meio da reflexão sociológica e teológica a partir de meados dos anos 70 (MARIANO, 1999). As igrejas estão localizadas em um bairro da periferia de Pelotas/RS que apresenta indícios de vulnerabilidade social. Pretendeu-se a partir deste esforço inicial, apontar elementos importantes e recorrentes da experiência religiosa (evangélica) urbana e periférica. Embora não contemple a profunda experiência de inserção no campo de pesquisa, como o prevê a moderna Antropologia, tem como objetivo traçar apontamentos preliminares em relação à dinâmica de vida dos sujeitos observados, para então posteriormente dar continuidade ao aprofundamento da compreensão deste cenário humano.

### **2. METODOLOGIA**

Foram escolhidas três igrejas do bairro de modo aleatório, obedecendo a delimitação classificatória proposta para a análise (igrejas neopentecostais). Foram observados três cultos religiosos, um em cada igreja escolhida, durante o período de 23 de junho à 1º de julho de 2014. Os dados foram coletados e registrados mediante os instrumentos de pesquisa: caderneta e diário de campo. Com as observações objetivou-se pôr em prática, de modo antropológicamente disciplinado, aquilo que CARDOSO DE OLIVEIRA (1998) menciona como sendo os dois atos cognitivos preliminares no trabalho de campo: o “olhar” e o “ouvir”; bem como, segundo o mesmo autor, o ato da escrita, como sendo a atividade em que o antropólogo, na configuração final do seu trabalho, trata da questão do conhecimento de forma “tanto ou mais crítica”. Teve-se em vista uma análise interpretativa dos dados sintonizada com o “sistema de ideias e valores” próprios da antropologia, que, conforme CARDOSO DE OLIVEIRA (1998) fala, são pelo menos duas: a “observação participante” e a “relativização”.

Também foi tido por base alguns apontamentos metodológicos sobre pesquisa etnográfica contidas em CRESWELL (2014), conforme a citação:

Assim sendo, a etnografia é um projeto qualitativo em que o pesquisador descreve e interpreta os padrões compartilhados e aprendidos de valores, comportamentos, crenças e linguagem de um grupo que compartilha uma cultura. (HARRIS, 1968 apud CRESWELL, 2014, p. 82)

O campo de estudo deste trabalho foi qualificado como igrejas neopentecostais de acordo com as análises e caracterizações assumidas pela pesquisa sociológica de MARIANO (1999), embora tenha de se falar que, existem outras problematizações em relação a este conceito sendo levantadas por cientistas da religião (MORAES, 2010). A despeito dessas considerações, que servem aqui basicamente em função da delimitação do campo de pesquisa, interessou-nos mais olhar antropologicamente para o campo e permitir que os sujeitos envolvidos revelassem algo acerca de seu convívio religioso.

### 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Nos três ambientes de culto religioso observados percebeu-se pouca variação em relação à estrutura física do local (o templo) e a sua organização interna. Trata-se de locais improvisados como garagens de casas que em alguns casos são espaços extremamente pequenos. A rigor não existe muita preocupação com uma identidade visual característica e caracterizadora do sagrado – como há na arquitetura e *layout* de denominações cristãs protestantes, ou mesmo católicas – exceto pelo altar elevado, o púlpito e a cruz (elementos recorrentes nos três casos). Esses elementos se “encaixam”, de um jeito ou de outro no espaço, mesmo que a disposição geral do ambiente, às vezes, gere no olhar certa desproporção, como ficou evidente no altar elevado em dois degraus em uma das garagens-templo. A questão da funcionalidade essencial do espaço sobrepõe-se a questão da estética e do cuidado ergonômico na disposição dos objetos. Isso fica especialmente evidente também em razão do caráter de transitoriedade que muitas vezes essas igrejas assumem (não há local permanentemente fixo). Alguns detalhes nas paredes internas e na fachada de uma das igrejas observadas sugerem que não muito tempo atrás, ali era o local de culto de outra denominação religiosa, com outra placa em sua fachada. Pode-se dizer também que o próprio contexto maior do bairro (com indícios de vulnerabilidade social) caracteriza as estruturas físicas destas igrejas.

O público freqüentador dos cultos se apresentou bastante variado, com leve predominância de mulheres sobre homens e significativa predominância de adultos sobre jovens e crianças. As pessoas normalmente se vestiam de maneira especial para as ocasiões de culto. Nesse caso era possível estabelecer certos padrões de vestimenta (homens de camisa social ou terno, mulheres de saia ou vestido), porém esses padrões não se impunham como regra. Embora as roupas indicassem certo nível de formalidade (sob certo ponto de vista cultural) o caráter do culto era profundamente informal. Os momentos que antecedem o início do culto propriamente dito são marcados por saudações entre os participantes (‘paz irmão’ ou ‘a paz do Senhor’). Todos se cumprimentam mutuamente e isso parece fazer parte de um costume constante e integrador da identidade do grupo.

Em relação aos sujeitos ministradores do culto pôde-se observar que, a posição de pastor nos três casos sempre foi delegada a figura masculina, enquanto que a figura feminina assumia outros papéis, como por exemplo, a condução do louvor e as orações de intercessão (as diaconisas). Aqui o grupo

parece não diferir muito do patriarcalismo histórico das religiões, uma vez que o personalismo em torno da figura do pastor se mostra como parte central na organização dessas igrejas. A distinção dos gêneros assume, além deste aspecto de função na coletividade, uma curiosa disposição espacial, que tem origem ao que parece, numa moralidade profundamente rígida: em uma das igrejas os homens sentavam-se de um lado do templo enquanto que as mulheres sentavam-se no conjunto de cadeiras do lado oposto, separado por um corredor entre as cadeiras.

A dinâmica de culto se desenvolve de maneira irreverente. Nesse ponto atribui-se grande importância à figura do pastor, já que este, normalmente, é um sujeito carismático de fala espontânea e articulada. Em uma das igrejas o pastor sorria bastante enquanto pregava, ao passo em que, ao mesmo tempo, alcançava balas para uma criança pequena que vez em quando vinha-lhe até o seu lado puxar-lhe das calças. O tom coloquial e às vezes até humorístico cativa a atenção das pessoas e contribui para uma atmosfera desprovida de solenidades. Os discursos de posse da verdade divina (bíblica), de autopromoção e legitimação ministerial, de reivindicação das bênçãos de Deus, de revelações acerca das pessoas, também marcam as falas dos pastores. A seguir está transcrito algumas falas de impacto dos pastores no momento do culto, retiradas de anotações em campo: “Este é o lugar onde Deus decreta a sua bênção!”; “Deus lhe dará a vitória!”; “Existe alguma dúvida de que Deus opera por mim?”; “Eu não tenho medo, pois falo a verdade!”.

Outro aspecto recorrente muito forte é a carga emocional gerada. Há pouca reflexão racional acerca do conteúdo da Bíblia por exemplo. Porém, existe muito apelo para a expressão sentimental da fé, e essa, intimamente ligada a uma busca sobrenatural (por intervenção divina nos problemas pessoais). Em um dos cultos uma ‘irmã’ que ministrava o louvor deixou subitamente o altar e dirigiu-se até uma das pessoas sentadas para impor-lhe as mãos e ‘decretar-lhe’ a cura. Palavras intensas em voz alta, energia e movimentos fortes marcaram a performance daquela mulher; parecia estar em transe, num estado emocional que remetia ao descontrole.

Também existem elementos ‘sacramentais’ específicos, ou seja, sinais visíveis e materializados de uma fé voltada para a busca (mágica) do favor divino. Em duas das igrejas se viu pessoas colocando objetos pessoais (como fotos, documentos, etc) no altar, para que depois o pastor abençoasse ou ungissem com óleo. Na outra igreja as pessoas eram unguidas nas mãos pelo pastor com o “óleo da prosperidade” no momento em que levavam suas ofertas até o altar.

Mas o que transparece ser o elemento central para qual tudo converge, está muito próximo do que MARIANO (1999) afirma em sua análise dos cultos neopentecostais:

Seus cultos [...] Funcionam como prontos-socorros espirituais [...] Baseiam-se em promessas e rituais para a cura física e emocional, prosperidade material, libertação de demônios, resolução de problemas afetivos, familiares, de crise individual e de relacionamento interpessoal. (MARIANO, 1999, p. 9)

A oferta e a busca em torno dos benefícios do divino, mediada pelas características, algumas já mencionadas, inserida num contexto sociocultural de marginalidade e carência, é o que parece conferir real dinamismo e retroalimentação dessas igrejas, fazendo com que suas garagens-templo fiquem repletas de pessoas que buscam ‘melhorar’ a sua vida. A exemplo disto, temos o testemunho de uma mulher que afirmou diante de todos os presentes, em

conversa com o pastor sobre a sua saúde pessoal: “Depois que entrei para a igreja tudo melhorou!”. Os participantes são pessoas que colocam sua esperança numa mudança de vida. Uma mudança operada pelo sobrenatural, porém com implicações muito concretas. Por isso é importante ir ao culto, porque ali as pessoas crêem receber a bênção de Deus para as suas vidas.

#### 4. CONCLUSÕES

O fenômeno religioso sempre esteve presente entre as sociedades humanas, invariavelmente desde os primórdios, ligado a um movimento em direção ao além-realidade-física (transcendência). Essa busca pelo divino, porém, nunca deixou de ser uma busca que parte de uma realidade concreta, de um contexto sócio-histórico-cultural específico. Este ponto de partida delimita e configura as próprias manifestações religiosas. Isso justifica porque os rituais religiosos de sociedades antigas, de economia eminentemente agrária e pastoril, incluía nos seus ritos elementos deste cenário econômico, como por exemplo, a oferta de cereais e animais no altar, e festas da colheita dedicadas ao divino.

Em relação ao contexto religioso observado, pode-se traçar conclusões semelhantes. As referidas igrejas se constituem de todo um movimento humano religioso localizado e caracterizado especificamente, no entanto, de caráter demasiado complexo. O desafio que se segue a este trabalho preliminar é o de aprofundar a pesquisa e torná-la um projeto que subsidie melhor, posteriormente, qualquer conclusão a que o pesquisador deverá chegar.

#### 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CARDOSO DE OLIVEIRA, R. O trabalho do antropólogo: Olhar, ouvir e escrever. In: **O trabalho do antropólogo**. Brasília: Paralelo 15; São Paulo: Editora UNESP, 1998 (pp. 15 a 37).

CRESWELL, J. W. **Investigação qualitativa e projeto de pesquisa: escolhendo entre cinco abordagens**. Porto Alegre: Penso, 2014.

DA MATTA, R. **Relativizando: uma introdução a antropologia social**. Rio de Janeiro: Rocco, 1987.

MALINOWSKI, B. Introdução: o assunto, o método e o objetivo desta investigação. In: DURHAN, E (org.). **Malinowski (Coleção Grandes Cientistas Sociais)**. São Paulo: Editora Ática, 1986.

MARIANO, R. **Neopentecostais: Sociologia do Novo Pentecostalismo do Brasil**. São Paulo: Loyola, 1999.

MORAES, G. L. Neopentecostalismo - um conceito-obstáculo na compreensão do subcampo religioso pentecostal brasileiro. **Revista de estudos da religião – REVER**. São Paulo, pp. 1-19, 2010. Disponível em: [http://www.pucsp.br/rever/rv2\\_2010/t\\_moraes.pdf](http://www.pucsp.br/rever/rv2_2010/t_moraes.pdf) (acessado em 21 de julho de 2014).

VELHO, G. Observando o familiar. In: **Individualismo e cultura: notas para uma Antropologia da Sociedade Contemporânea**. 8ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar ed., 2008 (pp. 122 a 134).